

EXPOSIÇÃO
MUSEU DE
IMAGENS DO
INCONSCIENTE



Arqueologia da Psique



“Ver-se-á um deus de imenso poder,
face brilhante, jovem, cabelos dourados, vestindo túnica branca
e portando uma coroa de ouro, usando àmplas calças.
Ver-se-ão raios de luz saltarem de seus
olhos e estrelas de seu corpo.”

Texto da Liturgia Mitraica





Apresentação

Nise da Silveira iniciou um trabalho revolucionário a partir de seu inconformismo com as práticas psiquiátricas utilizadas na década de 40, tais como eletrochoque, insulino-terapia, lobotomia, confinamento. Criando a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II (Rio de Janeiro), busca fundamentar cientificamente esta terapêutica, conduzindo-a não como mera ocupação ou utilização de mão-de-obra nos serviços hospitalares, como era de uso na época, mas procurando beneficiar os indivíduos ali internados com atividades que lhes possibilitassem um meio de expressão e de resgate de sua individualidade.

Através desse método, os resultados não demoraram a aparecer: as melhoras clínicas se acentuavam e, dentre as atividades oferecidas, pintura e modelagem se destacaram, gerando uma grande produção, que ela logo percebeu ser um meio de

acesso ao enigmático mundo interno do esquizofrênico. Surgem imagens inusitadas, temas e símbolos recorrentes que a intrigam. Reunindo essas obras com o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas sobre seus significados, funda então, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente.

Observava que muitas dessas imagens configuravam formas circulares ou próximas do círculo – símbolos de unidade e ordenação – extremamente semelhantes a imagens utilizadas para meditação ou representação da divindade em religiões orientais (mandalas).

Como pessoas que perderam a unidade do pensamento, instância máxima da consciência, poderiam produzir em grande quantidade os símbolos da unidade? E por quê?

Pesquisadora incansável, resolveu então escrever uma carta ao Professor Jung, juntando fotografias de algumas dessas imagens produzidas por diferentes autores. A resposta

de Jung não tardou: eram mesmo mandalas e correspondiam ao potencial autocurativo da psique, em oposição à dissociação, ao estado de confusão psíquica do ser, uma manifestação espontânea do inconsciente para compensar a situação caótica vivida por estes indivíduos.

Deste primeiro contato originou-se um relacionamento que não só viria introduzir a psicologia junguiana no Brasil, mas constituir-se-ia também numa nova abertura para melhor compreensão da psicose e dos conteúdos que daí emergem. Confirmava-se, então, que as atividades expressivas, além de possuírem validade terapêutica, eram também excelente meio para o conhecimento dos processos que se desenrolam na obscuridade do inconsciente.

Muitas das imagens surgidas nos ateliês possuíam espantosas semelhanças com representações configuradas através da história da humanidade. (É bom lembrar que nossos autores, internados em hospital público e vindos de classe social menos favorecida, são em sua maioria desprovidos de conhe-

cimentos mais amplos que possam explicar esses fenômenos como meras recordações de algo aprendido). Na tentativa de compreender o significado dessas imagens, Nise, orientada por Jung, começa a pesquisar outras áreas do conhecimento como, por exemplo, mitologia, história da arte e da religião.

Como diz Nise, “essas pesquisas não constituem diletantismo teórico de eruditos. Têm principalmente caráter prático, pois a tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens emergentes do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo.

Aplicando à terapêutica ocupacional as descobertas de Jung, abrem-se novas perspectivas para este método, tanto para neuróticos como para psicóticos. O exercício de atividades poderá enriquecer-se de importante significação psicológica. Compreender-se-á, por exemplo, o valor terapêutico que virá adquirir a proposta ao doente mais regredido de atividades vivenciadas e utilizadas pelo homem primitivo para exprimir suas violentas emoções. Em vez dos

impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhe forneceremos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e o mais eficaz”.

Ao longo dos anos este trabalho vem contribuindo para modificar profundamente o pensamento e as práticas psiquiátricas, servindo de alicerce e inspiração para profissionais, instituições e grupos de estudo e pesquisa em diversas partes do mundo.

Na exposição ora apresentada, poderemos ver alguns exemplos de

paralelismo entre imagens espontâneas, atuais, produzidas por internados do Centro Psiquiátrico Pedro II e imagens que constituem achados arqueológicos em distantes épocas e diferentes regiões do mundo. Uma verdadeira viagem através do tempo, desde o período neolítico, passando pela civilização egípcia, indo-persa e grega até a alquimia na Idade Média.

A emergência em nossos dias de conteúdos e símbolos, que fazem parte da história humana em diferentes épocas e locais, comprova a historicidade e a atemporalidade da psique.

Luiz Carlos Mello

Estudo comparativo entre obras plásticas
do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente
e achados arqueológicos ou históricos.

Arqueologia da Psique

Aquele que estudar a psique em profundidade verificará, muitas vezes surpreendido, estreitas semelhanças entre conteúdos emergentes do inconsciente de indivíduos contemporâneos e achados da ciência arqueológica.

Ao longo de sua obra, Freud muitas vezes estabelece analogia entre a análise psíquica e o trabalho do arqueólogo. Já nos primórdios da psicanálise, em 1892, Freud compara seu método de investigação da etiologia da histeria às pesquisas arqueológicas. “Suponhamos que um explorador chega à região pouco conhecida, na qual despertam seu interesse ruínas constituídas de restos de paredes e fragmentos de colunas e lápides com inscrições quase apagadas e ilegíveis. Ele poderá contentar-se em examinar a parte visível, interrogar os habitantes das cercanias, talvez semi-selvagens, sobre as tradições referentes à história e à significação daquelas ruínas

monumentais, tomar nota de suas respostas e prosseguir viagem. Mas também poderá fazer outra coisa: poderá ter trazido consigo instrumentos de trabalho, conseguir que os indígenas o auxiliem em seu labor de investigação e, com eles, atacar o campo das ruínas, praticar escavações e descobrir, a partir dos restos visíveis, a parte sepultada”(…).

Em 1922, em **A Psicanálise e a Teoria da Libido**, Freud escreve: “No curso de investigações sobre a forma de expressão criada pela elaboração dos sonhos, surgiu o surpreendente fato de que certos objetos, situações e relações são representados indiretamente por símbolos, usados pelo sonhador sem que este compreenda sua significação e para os quais, em regra, não oferece associações. Sua tradução terá que ser feita pelo analista, que somente a descobrirá empiricamente, adaptando-a experimentalmente no contexto. Mais tarde verificou-se que usos lingüísticos,

mitologia e folclore apresentavam as mais amplas analogias com os símbolos dos sonhos. Os símbolos levantam os problemas mais interessantes e até então não resolvidos. Parecem ser fragmentos de um equipamento mental herdado, extremamente antigo. O uso de um simbolismo comum estende-se muito para atrás do uso de uma linguagem comum”.

Noutro ensaio, **A Civilização e seus Desconfortos**, de 1930, retoma a mesma comparação. Imagina Roma vista num corte em profundidade, conservadas as suas diversas fases: a Roma quadrata, pequena colônia erguida sobre o monte Palatino; a Roma dos Septimontium, que reunia a população instalada sobre sete colinas; depois a área delimitada pela muralha de Sérvio Túlio; a seguir, a cidade cercada pelas muralhas construídas pelo Imperador Aureliano e, posteriormente, cada fase de transformação da cidade eterna, tudo preservado, todas as fases conservadas intactas e não apenas ruínas esparsas, correspondentes a este ou àquele período.

Assim seria a vida psíquica do

inconsciente. Seus conteúdos manter-se-iam permanentemente iguais, nada se apagaria nem se destruiria. No seu último livro **Moisés e a Religião Monoteísta** (1938), Freud retoma e fortalece o tema da herança arcaica. “O comportamento de uma criança neurótica em relação a seus pais, no complexo de Édipo e no complexo de castração, apresenta-se injustificado em certos casos e só pode ser compreendido filogeneticamente em relação a fatos vividos por gerações anteriores. Valeria a pena reunir e publicar o material sobre o qual me baseio para emitir esta hipótese. Creio que sua força demonstrativa seria suficiente para justificar outras suposições e poder afirmar que a herança arcaica dos homens encerra não só predisposições, mas também traços de recordações vividas por nossos primeiros antepassados. Deste modo a extensão e a importância da herança arcaica aumentariam extraordinariamente”.

Portanto, permanecem gravadas sob as experiências do indivíduo as experiências ancestrais. Estudando as marcas persistentes dessas expe-

riências, sem dúvida Freud trabalhou como um arqueólogo da psique.(...)

Jung praticou, na psique, investigações de tipo arqueológico em dimensões até então ainda não realizadas. Suas principais descobertas fizeram-se na área das camadas subjacentes ao inconsciente pessoal, nas profundas camadas psíquicas que constituem o lastro comum a todos os homens e onde nascem as raízes de todas as experiências internas fundamentais, das religiões, teorias científicas, concepções poéticas e filosóficas.(...)

Desde o início, ele via o inconsciente num constante trabalho de revolver conteúdos, de agrupá-los e de reagrupá-los. A imagem arquetípica representa não somente alguma coisa que existiu num passado distante, mas também alguma coisa que existe agora, isto é, o arquétipo não é exatamente um vestígio, mas um sistema vivo funcionando no presente.

Mais tarde, porém, através da experiência clínica, chegou à conclusão que algo ainda mais importante acontecia: os conteúdos do inconsciente não se mantinham ne-

cessariamente iguais para sempre. Eram susceptíveis de metamorfoses. O inconsciente sofre mudanças e produz mudanças, influencia o ego e poderá ser influenciado pelo ego.

Será possível acompanhar essas mudanças através dos sonhos, nos casos individuais e nas imagens pintadas quando estudadas em séries, sobretudo nos psicóticos.

Característica comum a todas essas pinturas é a presença de um simbolismo primitivo. Frequentemente nelas se constata qualidades arcaicas inegáveis, que indicam a natureza das forças criativas que lhes estão subjacentes. “Trata-se de correntes de forças irracionais, produtoras de símbolos que fluem através de toda a história da humanidade, e são tão arcaicas que não é difícil encontrar para elas paralelos na arqueologia e na história comparada das religiões”. Podemos, portanto, admitir que essas imagens surgem das regiões da psique, que Jung denominou inconsciente coletivo. Sob essa denominação, ele entende um funcionamento psíquico inconsciente comum a todos os homens, fonte não

só das pinturas simbólicas modernas, mas de toda a produção similar do passado. Essas imagens nascem de uma necessidade natural e vêm satisfazê-la.

Tendo presentes esses dados, compreender-se-á por que a psicologia junguiana não se interessa unicamente em fazer achados arqueológicos nas produções do incons-

ciente e em interpretá-los como sobrevivências de mundos mais antigos. Afigura-se a esta psicologia ainda mais importante descobrir, acompanhar, nessas produções, o contínuo processo de elaboração dos conteúdos da psique.

Nise da Silveira

(Texto extraído do documentário Arqueologia da Psique)

“Do mesmo modo que o corpo humano é um agrupamento completo de órgãos, cada um o termo de longa evolução histórica, também devemos admitir na psique organização análoga. Tanto quanto o corpo, a psique não poderia deixar de ter sua história.”

C. G. Jung

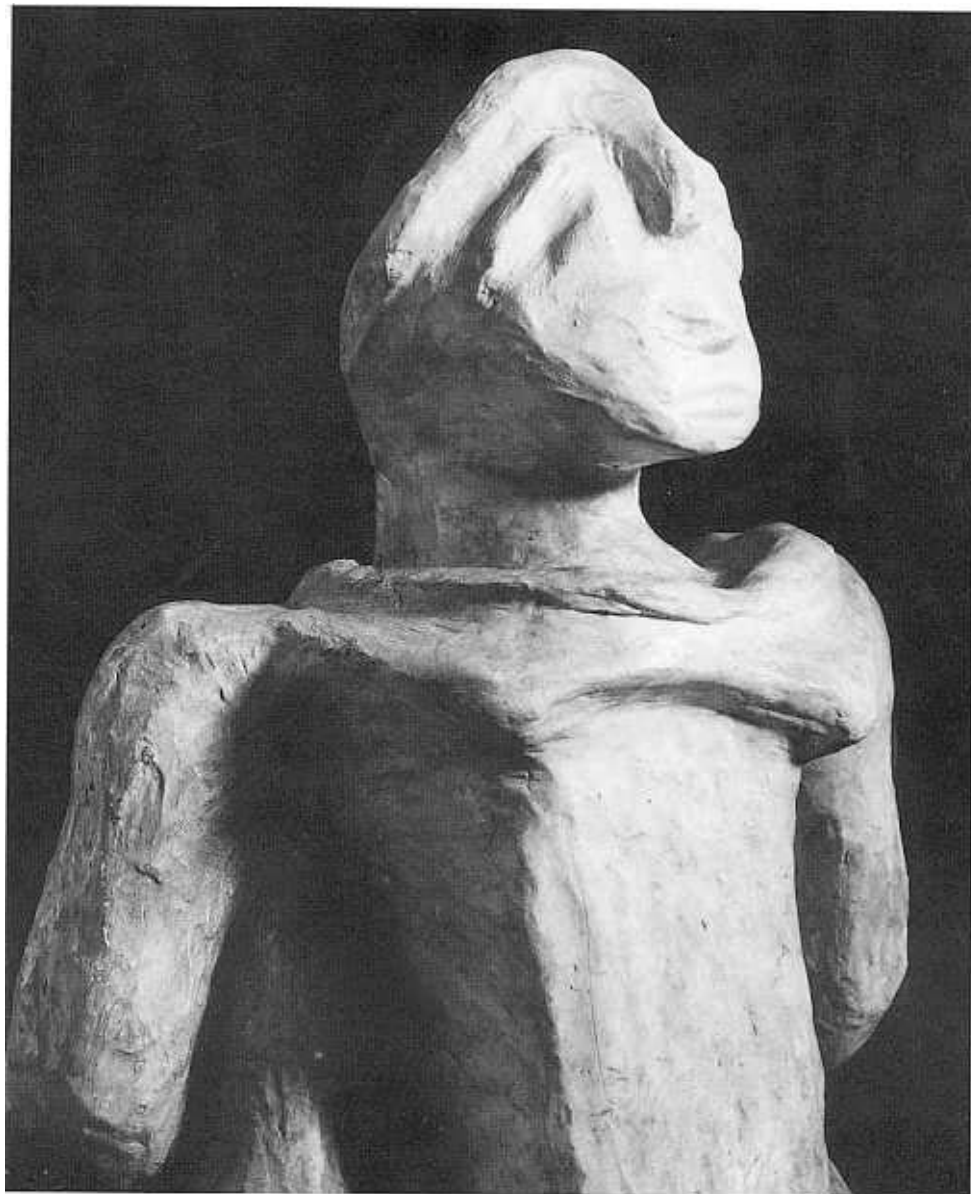
Neolítico



Cultura Tisza
5000 a.C.

“Raramente vi, talvez mesmo nunca haja vista, um só caso que deixasse de recuar às formas de arte do neolítico ou revelar evocações de orgias dionisiacas”.

C. G. Jung



Adelina Gomes

64 x 36 x 37cm
cópia em gesso
de modelagem
em barro – 1950

Rituais

Em linguagem psicológica, Jung interpreta os rituais como recursos instintivos de defesa para apaziguar a ansiedade diante das grandes forças originadas na profundidade do inconsciente: “Com esse objetivo, o homem arcaico construiu instintivamente as barreiras dos rituais e, ainda hoje, em situações psíquicas de ameaçadora desordem, os mesmos

procedimentos são postos em ação”.

A idéia de transformação e renovação por intermédio da serpente tem fundamentos arquetípicos que podem ser encontrados, com freqüência, na história da humanidade. Animal que muda de pele e se renova, a serpente é também utilizada em rituais como instrumento de regeneração.

Sacrifício para a Divindade Serpente – Placa Votiva – Sialesi (Eteonis) Beócia





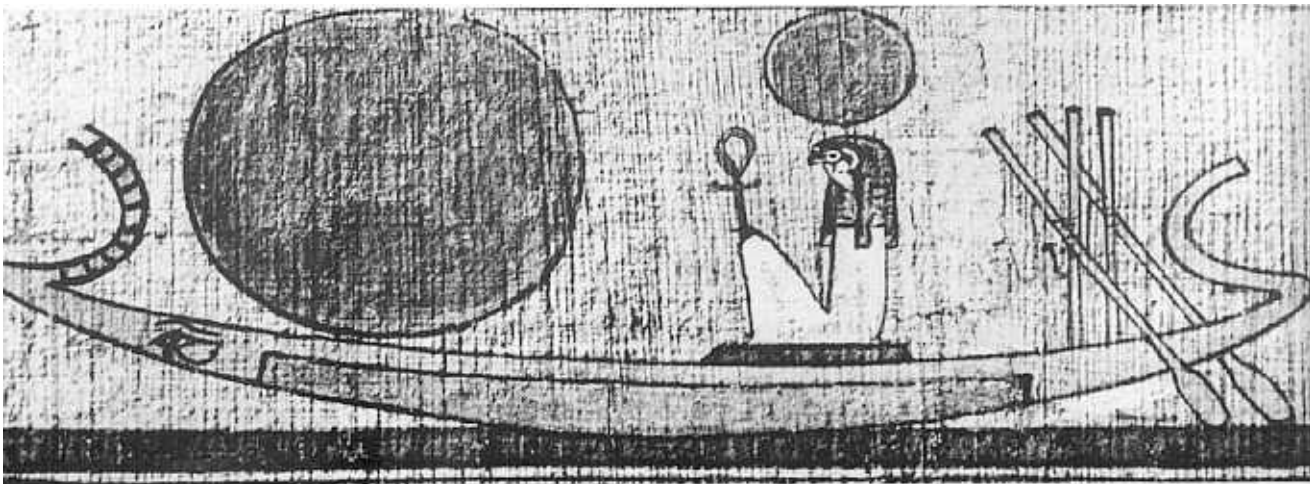
Carlos Pertuis
49 x 67cm – óleo sobre papel – 1951

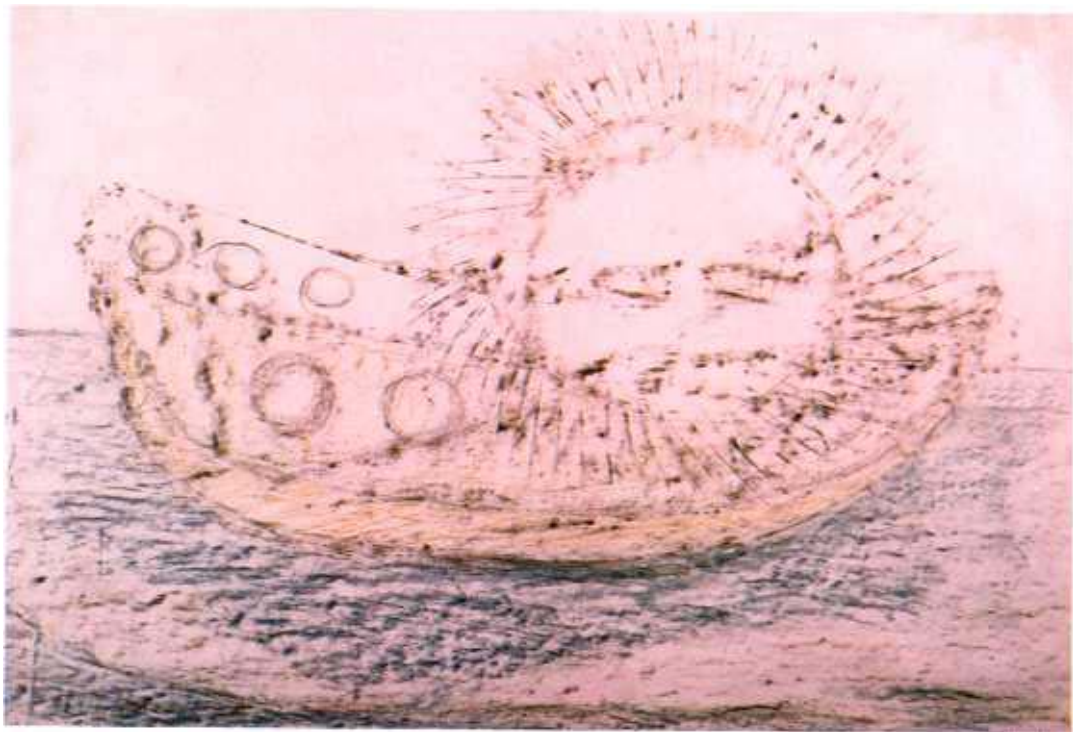
Mitos Egípcios

Há milênios os homens jamais deixaram de tentar captar a imagem do Sol, esculpindo-a ou gravando-a em pedra, madeira, ou evocando sua imagem no desenho ou na pintura. O astro foi um deus para nossos ancestrais e permanece o símbolo de todas as forças celestes e terrestres, o regulador de todos os aspectos da vida.

Sua veneração é encontrada através dos tempos, alcançando grande desenvolvimento sobretudo no Egito, Peru e México, países onde a organização política e o culto ao Sol atingiram o apogeu. E, ainda em nossos dias, o sol desperta inúmeras imagens e símbolos.

Deus Rá e a Barca do Sol
Detalhe de um papiro da 19ª Dinastia Egípcia





Carlos Pertuis

33 x 48 cm – lápiz de cera
sobre papel – 1976

O Tema Mítico de Mithra

No último período da vida de Carlos, suas pinturas giraram cada vez mais em torno do tema mítico do Sol.

Ressaltam, entre estas imagens, figuras masculinas de grandes proporções providas de coroas e outros atributos divinos bastante próximos de descrições de Mithra, deus indopersa, dadas por seus adeptos.

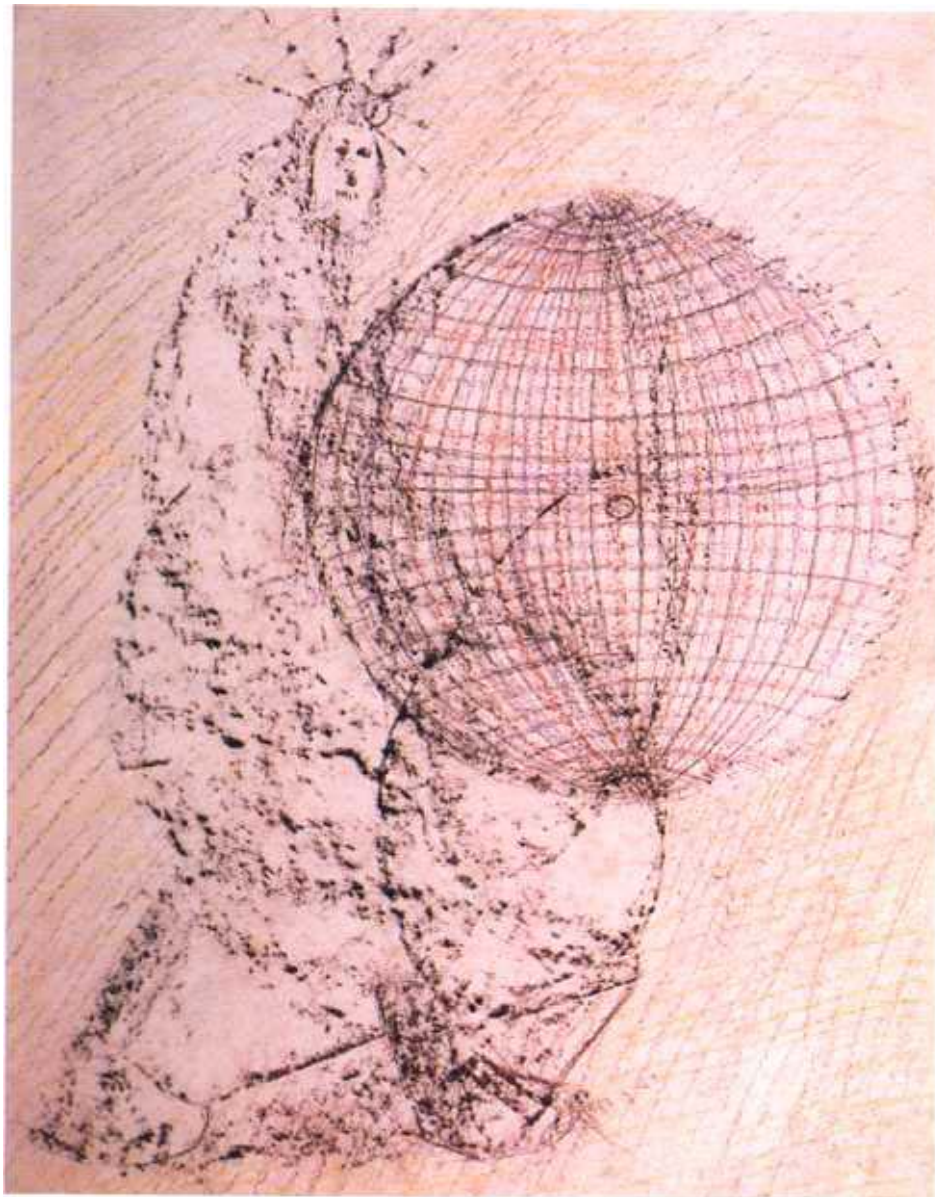
Segundo narra o mito, foi Mithra

quem instituiu o Sol governador do mundo, entregando-lhe o globo, símbolo de poder que ele próprio trazia na mão direita desde o instante de seu nascimento.

Mithra é um deus solar e herói, cujo mito narra a dolorosa procura da consciência que o homem de todos os tempos vem representando sob mil faces.



Deus-Sol instituído por Mithra,
governador do mundo – baixo-relevo



Carlos Pertuis

51 x 40 cm
lápiz de cor
sobre papel – 1975

O Tema Mítico de Dionisos

Nos profundos e intrincados labirintos da psique vivem ainda os deuses pagãos. Dois mil anos de cristianismo representam apenas a superfície. Pesquisas arqueológicas e pesquisas psicológicas são trabalhos paralelos feitos em áreas diferentes.

Dionisos manifesta-se em nítidas

imagens sob múltiplos aspectos de sua natureza dual, jovem e velho, bis-sexuado, animalesco, orgiástico, frenético, o inventor do vinho, dom deste deus aos homens para ajudá-los a provar, embora fugazmente, a euforia da embriaguez e até mesmo o êxtase religioso.

Sátiro e Bacante
Baixo-relevo – Villa Albani – Roma





Carlos Pertuis

33 x 23,5 cm
óleo sobre papel - 1955

O Tema Mítico de Dafne

Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne, filha do Rio Ladão e da Mãe Terra. Ela se esquivava, mas o deus não aceita ser recusado. Apolo persegue Dafne. Fugindo sempre, a ninfa busca refúgio junto de sua mãe, a terra, que a acolhe e a metamorfoseia em vegetal.

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que se identifica tão

estritamente com a mãe, a ponto dos próprios instintos não lograrem desenvolver-se.

Por estranho que pareça, Adelina, modesta mestiça do interior do Estado do Rio, reviveu o mito da ninfa grega Dafne. Numa situação conflitiva, ela se rendeu e disse: “Eu queria ser flor”.

Apolo e Dafne (BERNINI)

Baixo-relevo – Galeria Borghese – Roma





Adelina Gomes

48 x 33 cm
óleo sobre papel – 1961

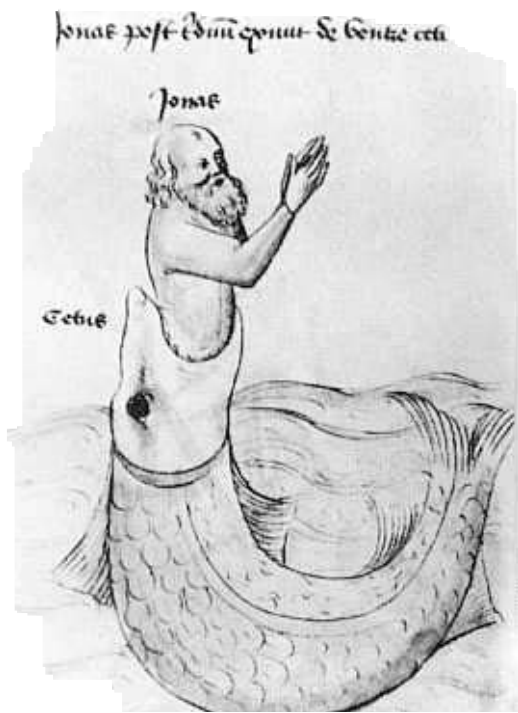
O Tema Mítico do Dragão-Baleia

Quando, sob o impacto de afetos intensos, o inconsciente se reativa em proporções extraordinárias, ameaçando submergir o ego consciente, não é raro que se configurem monstros nas matrizes arquetípicas de onde têm emergido figuras semelhantes no curso de milênios.

O tema do dragão-baleia é uma das mais antigas e universais varia-

ções do mito do herói. Em vez de percorrer longas extensões da terra em busca de aventuras, de combater e matar dragões, aqui o herói é devorado pelo monstro.

O drama do encontro com o monstro exprime a situação perigosa para o indivíduo de ser tragado pelo inconsciente.



Jonas saindo da baleia
Bíblia latina do século XV
Biblioteca Nacional de Paris



Olívio Fidélis

32,5 x 43 cm
óleo sobre papel
1967

Alquimia

O trabalho alquímico é frequentemente mal interpretado. Admitia-se que suas manipulações visavam ambiciosamente transmutar os metais vis em ouro. Entretanto, os grandes alquimistas repetiam incessantemente que não buscavam o ouro vulgar, mas o mistério interno da arte de produzir ouro, o que significava alcançar o

mais alto nível de desenvolvimento.

É motivo para reflexão o fato de que ainda hoje indivíduos totalmente ignorantes do opus alquímico projetem, quando têm oportunidade de configurar imagens, seus conteúdos psíquicos inconscientes em símbolos muito próximos daqueles utilizados pelos alquimistas.

Águia como símbolo do espírito elevando-se
da matéria-prima
Ilustração alquímica – século XVIII





Octávio Ignácio

27,5 x 36 cm
óleo sobre papel
1972

“Cada um desses indivíduos – esquizofrênicos ou marginais de vários gêneros – possui suas peculiaridades, mas todos têm contato íntimo com as forças naturais, brutas, virgens do inconsciente. Que hajam configurado visões, sonhos, vivências nascidas dessas forças primígenas, eis um dos mistérios maiores da psique humana.”

Nise da Silveira

Museu de Imagens do Inconsciente

Fundado por Nise da Silveira em 1952, o Museu está localizado no bairro de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, uma das unidades que compõem o Centro Psiquiátrico Pedro II, órgão do Ministério da Saúde.

O trabalho do Museu faz parte da história da reforma psiquiátrica no país e vem exercendo grande influência no processo de transformação dos espaços e dos métodos terapêuticos do CPPIL, um centro de referência na área da Saúde Mental para toda comunidade da Zona Norte da cidade.

O Museu oferece atualmente atendimento clínico-assistencial através de seus setores terapêuticos e procura divulgar os conhecimentos acumulados ao longo de 50 anos de pesquisas desenvolvidas pela Dra. Nise e seus colaboradores. Com o apoio de instituições públicas e/ou privadas, realiza exposições, cursos, publicações e documentários que são regularmente apresentados nas principais universidades e centros de cultura do país e mesmo no exterior.

Museu: setores e serviços

Administração

Clínico-assistencial

- Ateliê de pintura
- Ateliê de modelagem
- Grupo literário
- Higienização e auto-estima
- Atendimento médico (clínico)
- Serviço social

Ensino, Pesquisa e Divulgação

- Cursos e exposições (internas e externas)
- Publicações e documentários audiovisuais
- Elaboração e coordenação de projetos
- Biblioteca
- Grupo de estudos, reuniões às 3^{as} feiras, (10h30), entrada franca

Reserva Técnica

- Acervo de obras em papel
- Acervo de telas
- Acervo de modelagens
- Acervo iconográfico
- Acervo de documentação escrita

Visitação Pública:

2^a a 6^a, das 9 às 16 horas, entrada franca – visitas guiadas mediante agendamento

Endereço:

Rua Ramiro Magalhães, 521 - Engenho de Dentro
CEP 20730-460 – Rio de Janeiro
Telefax: (021) 596-8460

República Federativa do Brasil
Presidente: *Fernando Henrique Cardoso*

Ministério da Saúde

Ministro: *Carlos Albuquerque*

Centro Psiquiátrico Pedro II

Diretor: *Paulo Macedo de Carvalho Mesquita*

Museu de Imagens do Inconsciente

Diretor: *Luiz Carlos Mello*

Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

Presidente: *Ferreira Gullar*

Realização:

Caixa Econômica Federal

Museu de Imagens do Inconsciente

Apoio:

Centro Psiquiátrico Pedro II

Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM

Supervisão Científica:

Nise da Silveira

Curadoria:

Luiz Carlos Mello

Coordenação:

Gladys Schincariol

Programação Visual:

Eurípedes Júnior

Equipe do Museu de Imagens do Inconsciente

Amauri Reis

Antonio C. Barros

Célia Vital

Dionéia Lopes

Gustavo Galvão

Joel Dias

Luiz F. Barbosa

Maria Abdo Anuzza

Márcia Leitão

Marize Parreira

Mauro Coelho

Oedilrma Neves

Osman Plaisant

Vicente Mourthé

CATÁLOGO

Concepção (Projeto Gráfico)

Eurípedes Júnior

Gladys Schincariol

Luiz Carlos Mello

Fotografia

Mauro Domingues

Fotolito e Impressão

Optagraf - ZIT GRÁFICA E EDITORA LTDA



www.caixa.gov.br